

Os próprios cenários, ainda no dizer de Durst, pareciam funcionar melhor nas encenações de textos brasileiros, por retratarem uma realidade não só mais próxima, como também familiar. Aliás, segundo esse produtor, a cenografia na época "era uma coisa espantosa". Desprovidos de maiores recursos, os cenógrafos eram obrigados a utilizar e reaproveitar o mesmo material. Épocas e estilos diferentes misturavam-se por falta absoluta de recursos. Na encenação de Macbeth, realizada por Dionísio Azevedo, a cenografia foi "uma mistura de coisas, pirâmides egípcias misturadas com colunas gregas" (13) sem se falar nos figurinos cujas fotos tiradas durante a transmissão do espetáculo, no-los apresentam hoje tão pobres e grotescos que, à vista do manto de Macbeth, a primeira coisa que nos acode à lembrança é a de uma toalha de mesa xadrez servindo de agasalho ao infeliz assassino de Duncan e usurpador do trono de Sussex. (Foto 12)

Quando se tratava de peça brasileira o mesmo já não acontecia, pois na verdade, do produtor ao ator e contra-regra, todos tinham uma maior vivência da realidade nacional. Assim sendo, lembrando toda aquela época, Walter George Durst considera que o melhor que se fez no TV de Vanguarda foram as encenações de textos brasileiros, entre os quais Calunga, de Jorge de Lima, O Último dos Morungabas, baseado em Galeão Coutinho e Totônio Pacheco, de João Alphonsus.

Apesar dos bons resultados oferecidos pela literatura brasileira nas adaptações realizadas e transmitidas através do TV de Vanguarda, alguns produtores de renome e importância como José Castellar, consideravam que retratar uma realidade estrangeira devido ao modelo cinematográfico era muito mais fácil do que reproduzir a realidade nacional. Embora referindo-se ao Teledrama da TV Paulista Canal 5, esse produtor coloca que, de certo modo, havia "maior dificuldade em retratar uma realidade próxima do que fantasiar uma realidade distante". Segundo ele "era mais simples fantasiar (...) uma coisa passada na França, na Inglaterra, do que (...) reproduzir com alguma fidelidade a nossa própria realidade." (14)

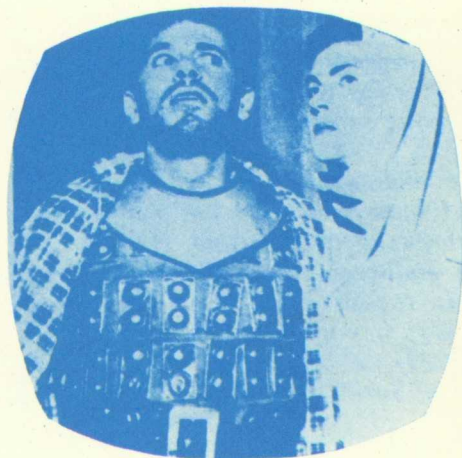
De qualquer forma, para Durst, os espetáculos encenados no TV de Vanguarda atingiam seus grandes momentos quando "as coincidências permitiam" que se juntasse "um bom texto, principalmente brasileiro, que favorecesse o elenco masculino", e uma boa direção de TV, esta última geralmente a cargo de Cassiano Gabus Mendes, o qual, em algumas ocasiões, demonstrava "uma habilidade diabólica" à mesa de corte e direção, embora em outras chegasse "a massacrar a coisa", pois, ocupado também com os demais programas das rádios e televisão, aliado ao fato de estar como diretor artístico da própria PRF-3 TV Tupi, não acompanhava os ensaios e, chegando à última hora, não fazia o texto render em tudo o que o autor (Durst) havia proposto. (15)

Dionísio Azevedo, mais atuante no TV de Vanguarda como ator do que propriamente como produtor, revezava-se nesta última tarefa esporadicamente com Durst. Ao contrário deste, procurava talvez compensar sua menor atuação como produtor, dirigindo grandes espetáculos baseados em textos clássicos, campo no qual Durst preferia não se arriscar, pois achava que "a televisão tinha um certo limite", embora no rádio, no Cinema em Casa, ele próprio houvesse ousado em 1949 um Macbeth, misto de Shakespeare e Orson Welles. (16)

Não há dúvida de que Dionísio Azevedo realmente mostrava-se corajoso ao tentar encenar na televisão um Shakespeare, dispondo dos recursos parcos oferecidos pela emissora. As dificuldades eram inúmeras, a começar pelos atores, os quais não tinham uma formação à altura de um texto shakespeariano. Isso não denigre em absoluto seus esforços, mas ao contrário, valoriza-os. A cenografia, feita na base "cinquenta por cento beleza, cinquenta por cento quebra-galho" (17), atingia, segundo Durst, nestas montagens, "o bestial" e "o monstruoso". Os figurinos, alugados na Casa do Ator, pobres, mal ajambrados, mais tornavam grotescos os personagens do que lhes emprestavam majestade, além de pertencerem a épocas diferentes, numa disparidade total. Mas, apesar de tudo isso, Dionísio Azevedo ousou, no TV de Vanguarda, encenar Otelo, Macbeth e por duas vezes, Hamlet.

A primeira encenação tentada de Hamlet, por exemplo, entrou para o anedotário da história da nossa televisão. As dificuldades surgiram de imediato. Os cinco atos da obra foram levados na íntegra, pois Dionísio, quando os atores reclamaram da extensão do texto alegou: "Como é que eu vou poder cortar Shakespeare?" (18) Lima Duarte, que interpretava o angustiado príncipe da Dinamarca, lutou bravamente para decorar seu papel, e sobretudo entendê-lo. Conta Durst:

"O Hamlet foi sensacional. O Lima Duarte que nessa altura já era um ator inteligente percebeu que... que ele não sabia o que era o Hamlet. Aliás, como se sabe, até hoje a humanidade ainda está procurando entender perfeitamente o que é Hamlet, tudo o que ele significava; agora, imagine o pobre do Lima com uma semana para resolver o mistério. Então, (...) o que ele fez...? Foi no bar da esquina, encheu a cara e fez o Hamlet bêbado. Palavra de honra que eu achei uma grande honestidade! Depois ele me disse: 'Acha que eu poderia fazer de outro modo? Não poderia... Então fui lá e enchi a cara.'" (19)



(Foto 12) Dionísio Azevedo e Márcia Real em Macbeth (agosto de 1954). TV de Vanguarda - TV Tupi - São Paulo

- (12) Depoimento de Walter George Durst ao IDART, São Paulo, novembro de 1976.
- (13) Depoimento de Walter George Durst ao IDART, São Paulo, novembro de 1976.
- (14) Depoimento de José Castellar ao IDART, São Paulo, janeiro de 1977.
- (15) Depoimento de Walter George Durst ao IDART, São Paulo, novembro de 1976.
- (16) Depoimento de Walter George Durst ao IDART, São Paulo, novembro de 1976.
- (17) Expressão do cenógrafo Alexandre Korowajczyk, segundo Walter George Durst, em seu depoimento ao IDART.
- (18) Depoimento de Lima Duarte ao IDART, São Paulo, 29 de outubro de 1976.
- (19) Depoimento de Walter George Durst ao IDART, São Paulo, novembro de 1976.